



Dispositivos de subjetivação e sofrimento das mulheres: para uma escuta gendrada das emoções no campo da psicoterapia

Dispositives of subjectivation and women's suffering: towards a gendered listening of emotions in psychotherapy

Lavínia Palma¹
Iara Flor Richwin²
Valeska Zanello³

RESUMO

O sofrimento amoroso é recorrente na clínica psicoterápica com mulheres. Por meio dos estudos de gênero e das noções de dispositivos amoroso e materno, este artigo apresenta três casos clínicos de mulheres, analisando suas vivências amorosas e a vulnerabilidade constituída por processos de subjetivação gendrados. Destaca-se que essa perspectiva provê importante ferramenta teórica e possibilita afinar a escuta clínica e qualificar as intervenções.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Saúde Mental. Psicoterapia. Amor. Sofrimento.

ABSTRACT

Love-related suffering is recurrent in psychotherapy with women. This article presents three clinical cases involving women, based on gender studies and the notion of love and maternal dispositive. It analyses women's love experiences and the vulnerability constituted by way of gendered subjectification processes. It argues that this type of perspective provides an important theoretical tool, allowing the refinement of clinical listening and qualification of interventions.

KEYWORDS: Gender. Mental Health. Psychotherapy. Love. Suffering.

* * *

¹Bacharel em Psicologia pela PUC-RS e especialista em Atendimento Clínico – Ênfase em Psicanálise pela UFRGS. E-mail: laviniaalma@hotmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília e pela *Université Paris Diderot*, Psicóloga do sistema socioeducativo do Distrito Federal (SEJUS/GDF), Pesquisadora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura. E-mail: iararaflor@gmail.com.

³ Doutora em Psicologia pela UnB. Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica da UnB. Coordenadora do grupo de pesquisa "Saúde mental e gênero", no CNPq. Blog: <https://saudentalegenero.wordpress.com/> E-mail: valeskazanello@uol.com.br.

Introdução

A prática da clínica psicoterápica é marcada por uma diversidade de abordagens, seja em seus métodos, seja em seu arcabouço epistemológico. Pessoas buscam ajuda de um psicólogo por inúmeras razões e com diferentes demandas. Entretanto, dores, alegrias, desejos e inquietações por vezes se manifestam de forma semelhante em diferentes sujeitos. Em países marcados por profundas desigualdades sociais, tais como o sexismo e o racismo, algumas formas de sofrimento se repetem, ainda que com singularidades, pois são configuradas por acentuadas violências estruturais (ALMEIDA, 2019; GOUVEIA; ZANELLO, 2019; WINDMOLLER; ZANELLO, 2018; ZANELLO; SILVA, 2012).

Dentre as formas de sofrimento repetidas, destacamos a alta incidência da queixa amorosa em pacientes mulheres (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015; ZANELLO; BUKOWITZ, 2011), que aparece sob diversas faces: amores mal sucedidos, não estar amando ninguém e, de forma mais significativa, não ser amada ou desejada. Sofrimento psíquico, ansiedade, sobrecarga, excessiva preocupação, culpa, entre outros, são aspectos que aparecem com recorrência no atendimento clínico a mulheres. Isso demonstra como as experiências amorosas são centrais em sua economia psíquica.

Gênero, além de ser performance orientada por *scripts* culturais (BUTLER, 1990), também é emocionalidade. Nesse sentido, para compreender a centralidade do amor na subjetividade das mulheres, faz-se necessário superar teorias darwinistas que naturalizam e universalizam as emoções – como a de Eckman, (2011) –, e considerar que elas são configuradas, moldadas e significadas por meio das interações sociais e do contexto sociopolítico e cultural (BOIGER & MESQUITA, 2012; LE BRETON, 2009; LEAVITT, 1996). Portanto, o amor, assim como outras emoções, afetos e sentimentos, não são fatos naturais e a-históricos, mas configuração de possibilidades afetivas, mediadas pelo contexto social, cultural e político, com especificidades de acordo com gênero, raça e etnia, classe social e idade (ESTEBAN, 2011; LAGARDE, 2001; ZANELLO, 2018). Uma vez que o contexto cultural e as relações sociais são gendrados, o amor, entre outros sentimentos e emoções, é interpelado, legitimado e significado de formas diferentes para homens e mulheres (ZANELLO, 2018).

Freud (1914/2006) já havia destacado, em seu texto "Sobre o Narcisismo: uma Introdução", a importância do ser amada para as mulheres. Ao se debruçar sobre a “vida erótica dos seres humanos” (p. 93) e sobre as diferenças dos tipos de escolha dos objetos amorosos entre mulheres e homens, Freud afirma que as mulheres aprendem uma forma de amar narcísica, na qual ser objeto de amor do outro é algo fundamental. Em suas palavras: “Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas [...]” (FREUD, 1914/2006, p. 95).

Relendo a teoria freudiana desde uma perspectiva de gênero, Zanello (2018) propõe que o amor narcísico das mulheres seja compreendido a partir da categoria analítica do dispositivo amoroso, o qual, segundo a autora, configura formas privilegiadas de subjetivação das mulheres no contexto brasileiro atual. Ser subjetivada pelo dispositivo amoroso significa que a construção da identidade das mulheres é mediada pelo olhar de um homem que as “escolha” (ZANELLO, 2018). Isto é, o amor, para elas, é um fator identitário, e ser escolhida por um homem é sentido como legitimação de seu valor. Além disso, Zanello (2018) ressalta que as mulheres são constituídas em torno de uma carência, em uma posição de falta-a-ser e de preterimento de si, que somente seria sanada por meio de uma relação amorosa. O amor assume, assim, o caráter de investimento central para as mulheres, de razão para viver, que possibilita a expressão de sua identidade e sua legitimação social.

Zanello (2018) propõe a metáfora da “prateleira do amor” para ilustrar o processo de subjetivação das mulheres por meio do dispositivo amoroso. Essa é mediada por um ideal estético que se configurou desde o início do século XX até os dias atuais: branco, louro, magro e jovem. Quanto mais distante desse ideal, pior o lugar na prateleira e menores as chances de ser escolhida por um homem para um relacionamento amoroso, que não seja marcado somente pela objetificação sexual.

Além disso, o fato de serem subjetivadas nessa prateleira do amor produz, entre as mulheres, relações atravessadas pela disputa e pela rivalidade. Uma vez que se trata de ser escolhida, deseja-se brilhar mais ou apagar o brilho alheio. A disputa, no fundo, não é pelo homem, mas pelo reconhecimento que provém de ser a escolhida. Esse reconhecimento medeia não só a relação entre as mulheres, mas também a relação consigo mesmas, impactando diretamente sua autoestima.

Ser subjetivada na prateleira do amor, portanto, coloca as mulheres em um lugar simbólico de profundo desempoderamento e vulnerabilidade psíquica. Esse processo de vulnerabilização leva muitas mulheres a se casarem não com o homem, mas com o casamento, sobretudo ao sentirem que estão migrando para um lugar pior na prateleira, quando, por exemplo, envelhecem. Ou, ainda, muitas se casam não com o parceiro real, mas com o homem que elas querem que ele se torne, pois uma das pedagogias afetivas do dispositivo amoroso é responsabilizá-las pelos homens que elas têm e pelo que eles são (ZANELLO, 2018).

Ser escolhida e manter uma relação amorosa duradoura é vivido, assim, não apenas como uma responsabilidade das mulheres, mas também como a chancela de sua própria mulheridade. O término de uma relação é ressentido, portanto, como uma falha identitária, um fracasso enquanto mulher. Assim, muitas mulheres suportam melhor o desamor em um relacionamento do que não ter o relacionamento. Por outro lado, não ser escolhida significa não ser boa o suficiente, significa ter algum "defeito", visto que as solteiras nunca são vistas como tendo algum protagonismo. Diante da naturalização da ideia de que todas as mulheres querem ter um homem (IPEA, 2014), uma mulher solteira é interpretada a partir do fracasso, considerada "encalhada", porque nenhum homem a quis.

Se o dispositivo amoroso constitui umas das mais importantes (e invisíveis) formas de vulnerabilização das mulheres em nossa cultura, para os homens, ao contrário, ele produz um duplo empoderamento. Em primeiro lugar, eles são alçados ao lugar de avaliadores físico e moral das mulheres, enquanto elas estão continuamente sujeitas ao julgamento e à avaliação dos homens (e também de outras mulheres). E a segunda dimensão desse empoderamento refere-se ao fato de que eles só ficam sozinhos se assim o desejarem. Eles têm a certeza de que serão amados, a despeito de qualquer atributo negativo que possam ter. Isso não ocorre, ao contrário do que muitos homens acreditam, devido a suas habilidades pessoais de sedução. Como destacado por Zanello (2018), é o dispositivo amoroso que constitui esse mecanismo: “Ele constrói uma espécie de almofada psíquica que protege os homens, ou em outras palavras, é um fator de proteção para a saúde mental deles” (p. 100).

Outra categoria analítica proposta por Zanello (2018) para pensar sobre os caminhos privilegiados pelos quais se subjetivam as mulheres em nossa cultura é o dispositivo materno. De modo intimamente entrelaçado ao dispositivo amoroso, esse dispositivo é marcado pelo processo de interpelação às mulheres a existirem no heterocentrismo, ou seja, existe uma pedagogia afetiva que as ensina a sempre privilegiar as demandas dos outros em detrimento das próprias, estando constantemente disponíveis ao cuidado. A performance aqui interpelada é a da empatia, da responsabilidade e da disponibilidade para o outro.

Em nossa cultura sexista, as mulheres são ensinadas a cuidar, desde muito pequenas, e isso lhes confere um lugar de importância e lhes agrega valor. Em um processo cultural de borrimento ideológico entre as capacidades de cuidar e de procriar, o cuidado é naturalizado como uma característica de mulheres e, embora seja uma habilidade humana, tem sido interpelado principalmente a elas, como um suposto "dom" feminino. E isso não atinge somente aquelas que procriaram; mesmo não sendo mães, mulheres são interpeladas identitariamente a exercer o cuidado e a renunciar de si mesmas para centrar-se no outro (ZANELLO, 2018). Mesmo cansadas ou insatisfeitas nesse lugar, há um ganho narcísico e elas passam a precisar que sejam precisadas (ZANELLO, 2007). Como destacado por Zanello (2018), trata-se de um “empoderamento colonizado”: o cuidado confere valor e reconhecimento social às mulheres, mas não subverte as condições estruturais de poder e de opressão.

Levando em consideração os apontamentos acima realizados, o presente artigo teve como objetivo apresentar três casos clínicos e ilustrar, por meio da perspectiva epistemológica dos estudos de gênero, como as vivências amorosas centradas no funcionamento do dispositivo amoroso e materno mostraram-se cruciais na vida dessas mulheres e constituíram importante fator de sofrimento e vulnerabilidade subjetiva.

Casos clínicos⁴

Maria: “Não quero ser feliz sozinha”

⁴ Ressaltamos que os nomes das mulheres são fictícios e que todos os dados que pudessem identificá-las foram suprimidos. Todas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), anuindo com o uso de seus dados para a confecção deste artigo.

Maria é uma mulher de 38 anos de idade. Solteira e sem filhos, ela mora sozinha e diz que sempre foi independente, ativa e organizada: malha, trabalha, estuda, paga suas contas, tem uma vida saudável. É formada em Antropologia e em Direito e trabalha como técnica judiciária. Em 2018, Maria procurou atendimento psicoterápico por estar vivenciando um processo de luto, pois havia perdido seu pai em 2016, vítima de infarto. Outro motivo que lhe causava sofrimento e que a impulsionou a procurar acompanhamento psicoterapêutico foi o término da relação com seu noivo, com quem se casaria em junho de 2018.

Quando criança, aos 4 anos, Maria vivenciou o divórcio dos pais. Ela contou que sua mãe se desorganizou completamente com a separação conjugal e não conseguiu ficar com os filhos, motivo pelo qual Maria foi morar com os avós paternos. Ao longo do seu desenvolvimento, Maria ouviu de forma recorrente suas tias paternas criticarem essa mãe “louca e desleixada”, que tinha abandonado os filhos, e cresceu com medo de se tornar uma mulher louca como a mãe. Essas mesmas tias impediam sua mãe de se aproximar dela e de seus dois irmãos mais novos, sob o argumento de que ela seria uma péssima influência para os filhos. Maria e seus irmãos passaram a sentir medo da mãe e a vê-la como uma ameaça: “Tinha medo de ser sequestrada por ela”.

Seu pai casou-se novamente e os filhos permaneceram na casa da avó. Quem os criou foi uma tia paterna, que não casou e nem teve filhos, dedicando sua vida a cuidar dos sobrinhos e dos pais. Maria refere que ela é sozinha, isolada socialmente e amargurada por não ter realizado seus sonhos. Quando Maria fala de sua vida pessoal, relata seu temor de ficar igual a essa tia. “Ela sempre quer saber da minha vida amorosa. Parece que se eu não casar, minha única outra possibilidade é ficar como ela, solteira e frustrada, cuidando dos outros”. Essa fala revela que, nesse momento, só havia duas possibilidades de projeção de futuro para Maria: o casamento e/ou o cuidar de outros filhos que não os dela mesma.

Segundo Maria, é um padrão das suas tias cuidarem dos homens da família, pois foram ensinadas a assumir esse papel e a ter “misericórdia” dos homens. São infelizes, controladoras e disputam entre si o reconhecimento deles. Podemos ressaltar aqui o funcionamento exacerbado do dispositivo materno, marcado pelo heterocentrismo, como destacado anteriormente: de um lado, as tias de Maria

privilegiam as demandas dos outros em detrimento das próprias (esquecendo-se até de si mesmas); por outro, observa-se um funcionamento psicodinâmico que aponta, apesar do sofrimento que esta posição pode trazer, para um gozo narcísico, na condição de precisar ser precisada. “Minha tia diz que vive para a família, não pode pensar apenas em si, pois a família sempre precisa dela. Ela precisa estar disponível, pois pensa que as pessoas precisam dela”.

Fica patente, na fala de Maria, que ser uma mulher que cuida lhe agrega valor, pois mesmo que suas tias tenham “falhado” em suas vidas amorosas, exercer esse papel de cuidado – que é culturalmente associado à maternidade – lhes garante um lugar e uma relevância social. Podemos acrescentar que, inclusive por terem “falhado” na vida amorosa e estarem solteiras, idealmente deveriam estar mais disponíveis para exercerem esse cuidado. De um lado, elas cuidam dos homens e dos pais idosos; de outro, precisam monitorar e controlar o comportamento das mulheres mais jovens para que tenham o mesmo destino. Por ter sido subjetivada nessa cultura familiar, que, por sua vez, reproduz um padrão sociocultural profundamente arraigado em nosso contexto brasileiro, Maria entende que é assim que deve performar no relacionamento com um homem.

Sobre a sua vida amorosa, Maria relata dois relacionamentos significativos. No primeiro, ela morou junto com o companheiro, que era usuário de álcool e cocaína, e tinha uma vida financeira muito desorganizada. Mesmo insatisfeita, Maria teve dificuldade de terminar o relacionamento e só conseguiu fazê-lo quando descobriu uma traição. “Mesmo sabendo de todas as dificuldades, eu amava ele muito. Ele era muito bom comigo quando não estava bêbado ou drogado”. Neste ponto, podemos pensar sobre a dificuldade de Maria de terminar um relacionamento, tendo em vista que o término pode significar um profundo fracasso. Ela dizia: “eu sempre tento de tudo para o relacionamento dar certo, me esgotei, enfrentar um término é muito ruim”.

Seu segundo e último relacionamento durou 4 anos. Esse namorado tinha uma mãe muito controladora, de quem era emocionalmente dependente. Maria o conheceu na igreja, o que para ela já foi um grande diferencial. Além disso, segundo Maria, ele tinha um trabalho e não tinha “vícios”, o que foi suficiente para ela investir na relação: “Me joguei de cabeça porque ele era da igreja e não bebia.

Achava que isso era o suficiente”. Eles namoraram e ficaram noivos. Ela relata que o pedido de casamento veio para “cumprir um protocolo”, pois ele não queria casar. Na percepção de Maria, tudo começou a desandar quando eles marcaram o casamento. A sogra tinha um discurso no qual explicitava que não sabia se Maria seria a mulher ideal para seu filho. Ela tinha projetos pessoais, trabalhava, morava sozinha. Na categoria analítica dos dispositivos, o heterocentrismo e o investimento central nos relacionamentos aparecem como pontos fundamentais para uma performance ideal para uma mulher, o que pode explicar a resistência da sogra com a nora.

Com um relacionamento conturbado e falta de dinheiro por parte do noivo, ele desmarcou o casamento. Ainda assim, Maria conta que fez diversas adaptações e concessões para manter a relação: deixou de comprar coisas de que gostava (pois ele alegava que ela gastava muito); investiu muito em tratamentos estéticos para manter-se jovem (pois a sogra apontava para sua idade); deixou de sonhar com o casamento, entre outros. Pode-se ver claramente o funcionamento do dispositivo amoroso de Maria, de acordo com as suas falas: “detesto ser solteira, não consigo me enxergar quando estou sozinha, vejo como sou a partir do olhar dos outros”.

Segundo Maria, seu noivo era um “*castrador de sonhos*”. Além disso, gritava com ela e era autoritário. Depois das discussões, Maria pedia desculpas, pois se sentia culpada pelo descontrole do companheiro. Como vimos, em relação ao dispositivo amoroso, as mulheres são responsabilizadas pelo bem-estar do outro e da relação. Para manter esse suposto bem-estar, o que se demanda delas, quase sempre, é o silenciamento (ZANELLO, 2018). Ou seja, que não expressem, pelo menos verbal e claramente, seus afetos mais hostis e seus desgostos. Uma mulher que fala, sobretudo nomeando seu mal-estar, subverte, de certa forma, essa lógica e pode facilmente ser vista como “chata” e “encrenqueira”, além de ser culpabilizada pelos problemas do relacionamento ou pelo descontrole do seu companheiro.

Durante essa relação, o pai de Maria morreu de forma abrupta, o que foi uma perda enorme, pois ele era sua principal referência de afeto. Ela entrou num profundo processo de luto. Além disso, nesse período, ela cortou sua mão ao cozinhar. Teve uma lesão séria, que demandou cirurgia e licença médica por alguns

meses. Precisava de cuidados, pois morava sozinha, e não poderia exercer funções básicas. Passou a ser vista pelo noivo como uma pessoa frágil. A sogra cobrava dela dedicação e cuidados ao noivo. Ele, por sua vez, sentia-se abandonado e não conseguia cuidar dela. Ou seja, mesmo em uma situação de fragilidade, foi interpelada a funcionar no heterocentrismo do dispositivo materno, potencializado pelo medo de perder o namorado, constituído pelo dispositivo amoroso.

Maria buscou no namorado o apoio que antes recebia do pai. Por achar que ela estava exigindo muito e doando pouco, o namorado, inicialmente, acabou com o plano de casamento e, em seguida, rompeu a relação definitivamente. Maria entrou em intenso processo de tristeza e luto e, nesse momento, buscou a psicoterapia. No início desse processo, Maria sentia-se responsável pelo término do relacionamento. Sentia que fracassou em suas obrigações (cuidar, estar disponível para o namorado e exigir cuidados). Sua autoestima estava tão abalada que ela duvidava da sua capacidade de se relacionar. Como aponta Zanello (2018), o fim de uma relação, para as mulheres, é um xeque-mate identitário: não se trata apenas da perda de alguém, mas de ser colocado em questão seu próprio valor como mulher. Maria estava vivenciando um abalo profundo na relação consigo mesma.

Na psicoterapia, o fim da relação e a sensação de fracasso dominaram sua fala e o espaço terapêutico. Apesar da lucidez de seu discurso sobre as dificuldades que enfrentaria se casasse com esse homem, sofria muito pelo fato de "não ter casado". Considerando que o relacionamento é algo identitário para as mulheres, pode-se dizer que grande parte de sua dor não era a perda do namorado específico, mas de um ideal que precisava ser realizado. O casamento constituía a chancela de ser escolhida e a retirada da prateleira do amor. Maria quase casou com o casamento.

Quando soube que o ex-namorado estava em uma nova relação, Maria sentiu-se arrasada, culpando-se e afirmando que o problema era ela mesma. "Minha vida não anda, ele já se refez e eu não. Acho que o problema sou eu, deveria ter aguentado mais. Todos estão casados, menos eu. Tenho profunda pena de mim". Passou dias se questionando sobre o que estaria fazendo de errado e por que ele

tinha um relacionamento e ela não. Não se tratava de que aquela relação não havia dado certo, mas de que algo com ela (identitário) deveria estar errado.

Após alguns meses do término, Maria começou a sofrer ainda mais, pois achava que “na sua idade” já deveria ter construído uma família e tinha muito medo de ficar “sozinha e solteirona”. Sofria por sua idade e pela passagem do tempo, com medo de ficar enalhada na prateleira. Sentia que as possibilidades de casar e ter filhos diminuía a cada dia. Quando ia a festas, seu foco era encontrar um homem legal. Mas se sentia em desvantagem, pois se considerava “velha”. Na sua ótica, havia mulheres muito mais interessantes, apenas por serem jovens, e repetia: “Existem muitas mulheres bonitas”. Maria investia em procedimentos estéticos. Sentia prazer quando diziam que ela parecia mais jovem e nunca revelava sua verdadeira idade. Identifica-se aqui a interseccionalidade do gênero com a faixa etária: a passagem do tempo e o envelhecimento significam um aumento da possibilidade de ser preterida e de ficar “enalhada” na prateleira do amor, esse lugar simbólico de disputa e espera, com acentuado potencial de vulnerabilização.

Ao longo da psicoterapia, Maria percebeu que, em todos os seus relacionamentos, ela iniciava muito bem, muito segura. Contudo, em pouco tempo, começava a se sentir “esvaziada”. Referia que se sentia muito vulnerável e passava a acreditar que precisava da relação para não sucumbir. As elaborações de Firestone (1976) acerca do comportamento adesivo das mulheres nos auxiliam a compreender esse aspecto trazido por Maria. A autora aponta que as mulheres passam boa parte de suas vidas investindo sua energia em procurar um marido e, quando o encontram, a dedicação passa a ser investida na manutenção dessa relação. Assim, amar pode ser um serviço de tempo integral para as mulheres. Não se trata de um investimento dentre outros, mas de uma dedicação quase exclusiva.

Após um tempo de angústia e decepções nos relacionamentos, Maria começou a namorar um rapaz que lhe interessou muito. Mais jovem do que ela, frequentador assíduo de uma religião (não a mesma que a dela) e com o desejo de casar. Ela ficou bastante ansiosa nos primeiros dias, mas se mostrou mais madura e segura. A partir do processo terapêutico, identificou a forma como costumava amar. Sua entrega total para um relacionamento, a ponto de se “esvaziar”; a

necessidade de cuidar como bom desempenho da mulher; a necessidade de ser escolhida por um homem para ter valor; o desespero na solteirice. Percebeu imediatamente quando começou a fazer muito mais concessões do que ele. Ela, desde o início, ia à igreja dele. Ele, por sua vez, nunca quis ir à igreja dela. Considerando que esse é um assunto de bastante relevância para os dois, Maria já consegue questionar muitas coisas e reivindicar o que é importante para ela.

Maria segue em psicoterapia e seu crescimento é evidente. Ela consegue operar a partir de outra lógica: não mais a do desespero, mas de uma mulher mais completa. Relata estar atenta a suas atitudes em relação ao namorado. Identifica quando o coloca no centro de sua vida, quando assume culpas que não são suas ou quando se molda aos planos dele para manter a relação. Refere também que sua escolha amorosa foi mais consciente e afinada com o que espera de uma relação.

Laura: “Minha alma sai de mim”

Laura é uma mulher de 30 anos de idade, bonita, totalmente encaixada no ideal estético estabelecido em nossa cultura. É advogada e trabalha como assessora jurídica num órgão público, em cargo comissionado. É solteira, não tem filhos, mora com a mãe e o irmão de 16 anos. Laura ajuda financeiramente em casa e cuida do irmão desde que ele nasceu. Os pais de Laura são separados. Seu pai sempre teve dificuldades financeiras, não conseguia se manter estável num emprego, contribuindo pouco em casa e fazendo dívidas. Ele traiu e agrediu sua mãe enquanto eram casados e Laura presenciou muitas dessas agressões. Por anos, Laura viu sua mãe sofrer num casamento conturbado, perdendo o marido agressor e sustentando a casa e os filhos. Via na mãe uma figura forte, que seria a salvadora do pai. Achava que esse era o papel da mãe na família.

Identifica-se aqui o heterocentrismo como performance ideal para uma mulher e o quanto isso pode lhe agregar valor, mesmo que lhe custe muito caro. “Minha mãe sempre deu conta de tudo, sempre cuidou da família e dos filhos. Ela é uma guerreira”. Ou seja, embora estivesse vivendo um relacionamento abusivo e opressor, sobrecarregada e sozinha no cuidado dos filhos e da casa, havia um enaltecimento da mãe de Laura como uma “mulher forte”, “salvadora”.

Quando seu irmão nasceu, seu pai pouco se responsabilizou pela criança, culpando a mãe por ter tido outro filho. A mãe de Laura, mesmo com dificuldades, sempre sustentou a família. A separação dos pais ocorreu quando Laura era adolescente. Junto com o alívio, veio a responsabilidade. Esse foi um momento em que ela teve que amadurecer rapidamente. Sentia-se na obrigação de ajudar a mãe a cuidar da casa e da família. Quando lembra de sua vida escolar, refere sentir tristeza, pois acha que não pôde viver conforme a idade que tinha, não pôde curtir a vida de uma adolescente. Sentia o peso da responsabilidade de uma vida adulta.

Laura se tornou uma mulher insegura, com uma autoestima baixa, tendo que amadurecer precocemente para cuidar de sua mãe e irmão. Sempre teve pouco contato com o pai: “quando meu pai aparece, ele só atrapalha”. Laura e sua mãe cuidam de tudo. Percebe-se aqui o funcionamento da injunção identitária culturalmente construída que, no processo de socialização das crianças, interpela as meninas a estarem sempre a serviço dos outros, agradando a eles e não a si mesmas (BELOTTI, 1983). As meninas aprendem a cuidar, ajudam as mães com o cuidado da casa e dos irmãos mais novos, o que lhes garante o amor dos pais e, futuramente, a aceitação social.

Laura sempre foi ótima aluna. Assim que se formou já tinha emprego num escritório de advocacia. Depois foi indicada por um colega para o cargo que ocupa hoje. Estuda para concurso, mas esse projeto vem sendo afetado diretamente por sua vida amorosa. Namora há dois anos com Lucas, também formado em Direito, mas que trabalha como servidor público. Lucas é de família rica e influente, seu pai, primos e irmãos atuam no meio jurídico. Seus pais são superprotetores e resolvem todos os seus problemas. A família de Lucas é tida como exemplar. Sua mãe é dona de casa, vive para cuidar do marido e dos filhos, opinando e decidindo sobre suas vidas. Essa relação, se observada da perspectiva dos ideais hegemônicos de gênero, pode ser vista como uma grande conquista, pois Laura foi escolhida por um homem que tem dinheiro, sucesso e poder. Ser escolhida, por si só, já atesta valor. Mas ser escolhida por um “bom partido” pode ser a maior forma de êxito e reconhecimento para as mulheres.

Quando começaram a namorar, Lucas morava em outro estado, pois, por meio de concurso público, havia assumido um cargo nesse lugar. Eles namoraram

a distância por uns meses e Lucas vinha à sua cidade natal a cada 15 dias. Laura descreve o namorado como um homem imaturo, que não consegue resolver nada por conta própria, e que se queixava das dificuldades de sua vida na cidade onde trabalhava, pois ficava sozinho e não tinha amigos e família. Laura estava sempre atenta ao namorado, ficava horas no telefone com ele, era preocupada com seu bem-estar e resolvia suas pendências e problemas na cidade. Identifica-se, assim, que Lucas se beneficiava do funcionamento do dispositivo materno em Laura, que a engajava no cuidado e atenção com o namorado. A imaturidade e ineficiência de Lucas em diversos aspectos eram compensadas e remediadas pelo investimento e cuidados de Laura na vida do namorado. A família dele era muito grata a essa dedicação. Ela sentia-se feliz por ser um suporte para Lucas nesse momento difícil de sua vida. Dessa forma, tinha reconhecimento e amor dos sogros. “Eu sempre fui maravilhosa aos olhos dele e da família dele. Sempre estive totalmente disponível para ele. Como somos colegas de profissão, já fiz muitos processos por ele”.

O casal tinha uma vida social intensa, devido à posição profissional de Lucas. Viajavam muito e participavam de jantares e festas. Nessas ocasiões, Laura chamava a atenção. Ela comentava que as pessoas sempre a elogiavam para Lucas, salientando sua beleza e inteligência, e refletia criticamente sobre isso: “Mulher como um troféu para um homem poderoso”. Laura tinha um lugar privilegiado na prateleira do amor e sua beleza e inteligência aumentavam o valor de Lucas, como se o mérito fosse dele. Segundo Zanello (2018), quanto mais disputada e cobiçada é uma mulher, maior é o mérito do homem que a “conseguiu”. Como Laura identificou, trata-se de um troféu a ser exibido, que confirmaria sua capacidade viril.

O sogro de Laura, por meio de sua influência, conseguiu trazer Lucas de volta à cidade onde ele morava, com as mesmas condições de trabalho. Em sua cidade natal, Lucas tinha todas as regalias possíveis, a proteção da família e dos amigos e era uma pessoa “popular”, sempre convidado a eventos e festas. No processo terapêutico, Laura percebeu que o retorno de Lucas reforçou a ideia que ele tinha de si: que ele tudo podia, que sua família comprava tudo e que nada o faria sofrer. Ela identificou esse momento como aquele em que o namoro deles começou a ter problemas.

Laura buscou a psicoterapia principalmente por conta de sua vida sexual. Dizia ter baixa libido, pouca vontade de transar com Lucas e dificuldade para ter orgasmo. Achava que tinha uma disfunção sexual. “Eu não tenho nenhuma vontade de transar com ele, isso só pode ser um problema meu e que está abalando muito o meu relacionamento”. Lucas cobrava isso dela. Logo no início do processo terapêutico, Laura identificou que seu relacionamento já não estava bem. Ela não admirava o namorado, achava ele infantil, submisso aos pais, protegido por uma família rica e poderosa. Percebeu o quanto a família dele era invasiva e controladora. Percebeu também que se sentia inferiorizada, já que vinha de uma família com muitos problemas e com dificuldades financeiras.

Considerando que o casamento pode ser um enorme capital para uma mulher em nossa cultura e que um “bom” casamento pode ser a chancela maior do valor da mulher, Laura se dedicava integralmente a essa relação. “Esse namoro é a grande chance da minha vida”. “Eles são ótimos, uma família de verdade, uma família estruturada”. Apesar das dificuldades, o namoro seguia regado a bons restaurantes, festas e viagens. Foi com Lucas que Laura fez sua primeira viagem ao exterior, na qual ele ressaltava as coisas caras que estavam consumindo. Falava para ela que essa seria sua vida quando ela se tornasse sua esposa.

Porém, ela percebia que, mesmo com esse deslumbramento, as coisas não iam bem. Em uma viagem, em meio a uma briga, Lucas disse que “havia encontrado ela numa lata do lixo” e que “ela deveria ser grata a ele”. Na ocasião, ela não percebeu que isso já era parte da relação abusiva que estava vivendo. Além das ofensas verbais, Lucas tinha um comportamento egoísta. Contava com Laura para participar de suas experiências e eventos, recebia seu apoio e atenção: “Eu era incansável, estava sempre ao lado dele, ajudava profissionalmente, era boa amiga, ouvinte, dava apoio e conselhos sempre que ele precisasse”. “Deixei de lado minha mãe e meu irmão, só pensava no Lucas. Minha mãe me cobrava”. “Ele não gostava de frequentar minha casa, acho que tinha ciúmes, queria toda a atenção para ele”. Essas falas evidenciam que o investimento na relação era muito desigual. Essa assimetria é resultado dos mecanismos do dispositivo amoroso que interpelam as mulheres a dedicarem boa parte de sua energia, de seu afeto e de

seu tempo ao companheiro e ao relacionamento, recebendo muito pouco em troca, já que o tornar-se homem é marcado pelo ego-centramento (ZANELLO, 2018).

Ao pensar que a estruturação das mulheres se dá na carência e abandono de si, entendemos que isso faz com que elas se sujeitem a qualquer promessa de amor. Dessa forma, a expectativa em relação a um homem e a um relacionamento rebaixa-se facilmente. Isso pode ser identificado quando Laura conta que descobriu traições do namorado, ao mexer no seu celular. Lucas havia se relacionado com duas mulheres. Como ele não tinha como negar, justificou suas atitudes pela ausência sexual da namorada, chegando a culpá-la por suas traições. Num primeiro momento Laura não quis romper a relação. “Vou tentar perdoar ele, não quero perdê-lo”.

Ela passou vários dias de muita angústia, ansiedade e tristeza. Buscou ajuda psiquiátrica e fez uso de antidepressivo. “Preciso de um remédio para me acalmar, parar de falar as coisas que penso. Estou virando uma chata, só reclamo”. Laura percebeu que os sogros sempre foram coniventes com a atitude do filho, pois o viam sair sozinho e voltar tarde. Percebeu que seu sentimento não era passível de ser ouvido e legitimado. Aprendeu a se calar, depois de ter sido tratada com restrição pela família de Lucas, por questionar aquela situação. Emerge, neste ponto, a questão do silenciamento como performance ideal para o bem-estar e manutenção da relação. A norma da “boa esposa” prescreve que as mulheres silenciem diante das dificuldades e conflitos. Esse silêncio, segundo Zanello (2018), é gendrado e consiste em uma estratégia de sobrevivência e enfrentamento, em que a mulher toma para si a responsabilidade pela relação amorosa. Contudo, o custo é alto e, para isso, a mulher precisa suprimir a expressão dos seus sentimentos e afetos, sujeitando-se ao risco de uma implosão psíquica (ZANELLO, 2018).

Laura decidiu perdoar o namorado. Dizia que gostava dele e que não tinha forças para terminar a relação. Assumiu outra postura em relação ao sexo: “Se ele precisa de sexo, vou me esforçar para dar isso a ele”. Passou a controlar e cuidar dos passos de Lucas. Ficou desconfiada, insegura, sentindo-se inferior a ele. Tiveram várias brigas, nas quais ela o acusava e ele a chamava de “louca”. Lucas dizia que ela deveria perdoá-lo, se quisesse ficar com ele. Nessas brigas, ele a ofendia e depois pedia desculpas. Mas seguiu culpando-a, como se ele estivesse

fazendo o possível para se retratar e ela não conseguisse superar. Laura percebeu que Lucas se sentia muito seguro no relacionamento. Identifica-se, na postura de Lucas, que ele interpretava o desespero de Laura como um valor seu. Ou seja, aquilo que é da ordem da carência nas mulheres produz uma satisfação narcísica nos homens.

Como discutido anteriormente, o relacionamento amoroso constitui o fator mais importante de desempoderamento e vulnerabilidade subjetiva para as mulheres, ao passo que, para os homens, essa mesma relação funciona como uma “almofada psíquica” que os protege. Laura percebeu que isso estava acontecendo. Identificou que sua saúde mental estava abalada. “Nunca me senti assim antes, estou me achando feia. Não consigo mais estudar, meu desempenho no trabalho está péssimo”. Laura estava visivelmente fragilizada. Referia estar inapetente e insone. “Eu fico sem alma”. “Ele me diz que sou doente, acho que ele está certo”. Por meio do processo terapêutico, pautado pela escuta de gênero, Laura entendeu que não era doente, mas estava, sim, adoecida no dispositivo amoroso.

Laura falava muito em terminar o namoro, mas temia ficar sozinha. “Não queria me ver sozinha de novo”. O término era sentido como um fracasso e como algo muito penoso: “Parece que eu fracassei. Dói demais”. Laura trouxe a dificuldade em expor às pessoas o término e ser criticada. “Tenho certeza que as pessoas vão me culpar pelo término”. Acreditava que, para Lucas, tudo seria mais fácil e que ele não ficaria sozinho. Percebia o lugar de privilégio que ele ocupava. Mais uma vez, a categoria analítica de dispositivo amoroso nos auxilia a compreender de forma mais refinada o sofrimento psíquico de Laura, dando visibilidade a aspectos que, muitas vezes, são negligenciados. O elevado nível de sofrimento de Laura tem relação direta com o fato de que, em nossa cultura, o término de um relacionamento amoroso para as mulheres não constitui apenas uma perda relacional, mas uma perda identitária, em que seu valor como mulher é colocado em xeque. Mesmo que o fim tenha se dado por algum comportamento do homem, como no caso de Laura, é a mulher que vai se questionar e ser questionada sobre seu valor. Além disso, terminar uma relação significa o retorno à prateleira do amor e ao lugar de vulnerabilidade que ela representa.

Após muitas tentativas de salvar o relacionamento, Laura descobriu novas mentiras de Lucas, que continuava a negá-las. Ela quis romper. Ele afirmava que, se isso ocorresse, ela ficaria sozinha. Mesmo entendendo que era uma forma de tentar enfraquecê-la, Laura temia que isso acontecesse. Lucas foi insistente, não aceitava a ideia de um fim. Como já foi dito, os homens lucram e são protegidos psiquicamente na relação amorosa. Com a ajuda do processo psicoterapêutico, Laura se fortaleceu pouco a pouco e conseguiu terminar o namoro. Pôde entender que desempenhou uma figura materna, cuidando dele e aceitando suas atitudes infantis. Manteve-se segura de sua decisão e logo começou a vivenciar os ganhos desse término.

Talia: “Só fico bem se ele me confirma repetidamente que me ama”

Talia tem 26 anos de idade e trabalha como policial. É solteira, não tem filhos e mora com a mãe e a irmã mais nova. Seu pai mora em outro estado e tem dois filhos de outro casamento. Quando Talia nasceu, seus pais eram muito jovens e ela foi criada pelos avós maternos, estabelecendo com a mãe uma relação “de irmã”.

Talia tem boa condição financeira, ajuda a mãe e a irmã, e é quem garante o sustento da casa. Sua mãe sempre teve uma vida amorosa conturbada e enfatizava repetidamente que “homem é problema”. Talia relata que na casa dos avós é tudo muito simples, mas com muito afeto. Quando estudava para concurso, ela teve o apoio de todos. Atualmente, sente-se culpada quando privilegia a si mesma. Acha que precisa atender sua mãe e irmã e não consegue pensar primeiro em si. Podemos retomar aqui o processo de subjetivação das meninas em nossa cultura e no ambiente familiar: educadas para cuidar, para serem heterocentradas. A submissão e o comportamento ponderado são formas de assegurar o amor do outro e as chances de, na vida adulta, ser escolhida por um homem. Ao passo que aos homens é permitida a imaturidade, que é naturalizada. Aqui temos novamente a interação dos dispositivos amoroso e materno.

Talia deu início ao acompanhamento psicoterápico em outubro de 2015, impulsionada pela insatisfação em sua relação amorosa de cerca de dois anos com

um colega de trabalho. Ela se queixava muito do namoro, que era conturbado, e do namorado, que ela dizia ser distante e quase integralmente dedicado a um curso que fazia na polícia. “Sobra pouco tempo para mim, ele se dedica quase que exclusivamente para seu curso. Estou sempre sozinha”. Como discutido anteriormente, o funcionamento do dispositivo amoroso faz com que o investimento no relacionamento seja diferente para homens e mulheres. Eles são ensinados a gostar de muitas coisas, ao passo que elas são ensinadas a gostar de homens (ZANELLO, 2018). Isso pode ser identificado a partir das cobranças de Talia: “Estou sempre pedindo a atenção dele, para que ele fique comigo”.

O desgaste na relação levou à decisão conjunta sobre o término do namoro. Após esse rompimento, Talia passou por um momento difícil, mas não demorou a se recuperar. Ela ficou sem namorar por aproximadamente 8 meses, período em que esteve um pouco afastada da psicoterapia, mas sem interrompê-la. Retomou suas amizades, sua vida social e passou a fazer mais atividade física. Recebia muitas cantadas no trabalho, um ambiente predominantemente masculino, no qual “podia ficar com quem eu queria”. Passou por uma boa fase, em que se sentia bonita, gostava de cuidar de si, ficava muito com seus amigos e se sentia feliz. Talia tinha um lugar de privilégio na prateleira do amor, visto que é uma mulher bonita, branca, magra e jovem. Em alguns momentos isso parecia não bastar, mas, de certa forma, assegurava-lhe um lugar de valor e reconhecimento. “Eu sei que posso ficar com quem eu quiser, mas isso não me completa, queria mesmo um namoro”. Saber que era desejada mantinha ela segura e tranquila; era uma forma de empoderamento colonizado, reforçado por suas amigas, que sempre lhe relembravam o privilégio de estar nesse lugar, invejado por muitas delas.

Talia começou outro namoro em 2018, com Marcos, novamente um colega da polícia, mas com patente de oficial. Além do cargo importante, Marcos tinha uma família rica e apresentava vários signos de visibilidade à riqueza, ao sucesso e ao poder, como seu bom carro. Desde o início da relação, isso ficou bem marcado: ele tinha poder, ela era inferior. “Eu sou soldado, ele é tenente, ele é meu superior. Ele é mais velho, bem resolvido”. Marcos dizia que estava só há muito tempo, que estava muito bem assim e não queria um compromisso. Assim, quando oficializaram o namoro, Talia sentiu-se privilegiada, pois havia conseguido

conquistar aquele “solteiro convicto”. Observa-se, aqui, o valor atribuído à mulher que “captura” um homem que aparentemente não queria compromisso. Se uma mulher, ao ser escolhida na prateleira do amor, já é validada, a mulher que ainda modifica seu parceiro é muito mais valorizada e legitimada identitariamente, já que foi competente ao “transformar” esse homem. As falas de Talia não deixam dúvidas: “Ele é um solteiro convicto, diz que vive muito bem sozinho. Ele diz que a mulher tem que ser muito especial para ele abrir mão de sua solteirice. Ele fala que não tem paciência com imaturidade e que não quer ser atrapalhado por um relacionamento”.

Nesse mesmo período, Talia participou de um curso da polícia muito difícil e exigente, com muitas provas físicas, de dor e superação, que lhe rendeu uma promoção. Ela conta que muitos homens desistem no meio do curso e que ela foi uma das primeiras mulheres do Brasil a conseguir concluí-lo. Isso lhe deu um *status* no batalhão. Nesse período, ela estava muito segura e orgulhosa de sua conquista.

Contudo, isso não durou muito. Talia passou a ficar insegura, sentia-se inferior a Marcos, precisava da confirmação do amor dele o tempo todo. Sempre que ele fazia algo que não a incluía, ela sofria intensamente e sentia-se rejeitada. Desconectava-se de todas as suas coisas, seus amigos, seu trabalho e sua família. Ficava à espera de Marcos, de um contato, de uma confirmação e só se acalmava depois que ele telefonava. Muitas vezes, preferia fazer programas sem ele, mas dizia não suportar a ideia de ele não escolher estar com ela. “Se ele desaparece por algumas horas, entro em desespero. Na minha cabeça tudo acaba”.

Faz-se patente que Talia conferia total centralidade ao namorado em sua vida, enquanto Marcos se ocupava com muitas outras coisas: trabalhava muito, criava cavalos, gostava de ficar sozinho ou estar com amigos. A expressão do dispositivo amoroso aqui é evidente. Talia tinha muitos êxitos e conquistas em sua vida pessoal e profissional. Mas a vida amorosa mostrava-se prioritária, destino de seu maior investimento e condição para seu bem-estar emocional. Independentemente do que ocorria em sua vida pessoal e profissional, era no amor que ela encontrava a maior fonte de reconhecimento. Isso fica patente na necessidade manifestada por Talia de receber diariamente essa confirmação de

Marcos. Quando o amor não era atestado por alguma manifestação explícita, seja por um telefonema, seja por um elogio, Talia ficava desesperada. Nada lhe tranquilizava; somente o amor de seu homem tinha o poder de acalmá-la. Talia vivenciava um verdadeiro abandono até o momento em que ele a procurava e mostrava que estava presente na relação. “Nessas horas nada tem graça. Olho para minha farda e penso que não tem valor nenhum. A única coisa que me dá vida é o contato dele. Como pode?”.

O relacionamento de Talia passou por uma fase muito conturbada. Marcos dizia que não queria uma relação de dependência, que ficaria bem se terminassem. Ele não suportava suas cobranças e comportamentos. Nas brigas, Talia perdia o controle, chorava e gritava. Ele passou a chamá-la de "louca". Aqui vemos o silenciamento feminino como ideal de performance para a manutenção da relação, mesmo que para isso seja necessário reprimir seus afetos e pensamentos. Ao não o cumprir, gritando e perdendo o controle, Talia era rotulada de louca. “Fico desesperada quando brigamos”.

Ela relatava, em psicoterapia, que tinha vontade de terminar o namoro, mas temia “jogar fora um homem bom”. Estava claro o poder atribuído a Marcos e o temor de voltar para a prateleira do amor. Era mais fácil lidar com o seu desinteresse e seu baixo investimento na relação, do que lidar com o fato de não ter um homem, com a solteirice e com o suposto abandono. “Se eu terminar com ele, saio perdendo. Ele fica bem e eu fico avulsa de novo”. Esse assunto tomou grande espaço em sua vida e o namoro tornou-se fonte de muito sofrimento. Ela deixou ainda mais de lado seus amigos e as atividades que lhe davam prazer. Estava vivendo uma busca desesperada por ser amada. Passou a viver momentos de muita instabilidade emocional, com picos de angústia e descontrole. Oscilava entre duas posições subjetivas: a da mulher poderosa e dona de si (aprovada em um curso que poucas mulheres foram capazes de terminar) e a da mulher frágil, que precisa ser validada por um homem para existir. Nesse ponto, revela-se a fragilidade psíquica vivida por Talia em função da relação amorosa. Mesmo com suas conquistas profissionais e a independência financeira, seu afeto não estava descolonizado. “Quando namoro, é sempre assim: nada que seja fora do namoro tem valor pra mim. Olho pras minhas conquistas e não consigo vibrar com elas.

Tanto faz”. Como afirma Zanello (2018), o empoderamento externo (profissional, financeiro) não necessariamente leva à descolonização afetiva. Ou seja, o amor era vivido por ela de forma integral e identitária, mesmo com inúmeros signos de êxito e poder em sua trajetória.

Aos poucos, Talia passou a identificar seu modo de funcionamento (no dispositivo amoroso) não apenas nessa relação, mas também em todas as anteriores, e percebeu como havia ficado vulnerável. Ademais, se apropriou mais de suas conquistas e realizações, momento em que decidiu interromper a psicoterapia.

Considerações finais

Maria, Laura e Talia, com suas histórias de dor e sofrimento psíquico vivenciados nas experiências amorosas, refletem um fenômeno muito recorrente na clínica psicoterápica com mulheres: as queixas e sofrimentos amorosos, em suas múltiplas facetas. A análise dos casos clínicos dessas três mulheres revelou que o amor e o heterocentrismo, para elas, apresentavam uma acentuada dimensão de desempoderamento e produção de vulnerabilidade subjetiva e sofrimento.

Maria suportou um relacionamento no qual muito doava e pouco recebia. Mesmo sendo uma relação desigual e que lhe causava sofrimento, a ruptura e o fim do projeto de casamento promoveram em Maria um franco processo de luto, tristeza e desconstrução de sua autoestima e identidade. Laura se dedicava mais à vida de seu namorado do que à sua própria, aceitou a posição de ser um troféu de um homem que a agredia, inferiorizava e rebaixava ao lugar de lixo, e perdoou suas traições, pois não se sentia capaz de terminar a relação e temia ficar sozinha. Esse perdão cobrou-lhe um preço alto: Laura ficou “sem alma”, não conseguia trabalhar, estudar, comer ou dormir. Talia, embora fosse uma mulher bastante exitosa em sua vida pessoal e profissional, só conseguia “ganhar vida” no contato com o namorado e vivenciava um verdadeiro abandono existencial quando ele estava ausente.

A despeito do que nos mostram esses casos, ainda há, em nossa cultura, um forte processo de romantização do amor para as mulheres e de invisibilização do

fato de que certa forma de amar pode ser muito deletéria pra elas. É urgente que a prática clínica psicoterápica, em suas mais diversas vertentes e abordagens, desenvolva mecanismos que possibilitem que essa dimensão do amor seja desvelada e ouvida. Nesse sentido, destacamos que o uso da categoria analítica dos dispositivos de gênero configurou-se como uma ferramenta conceitual fundamental para a escuta, a compreensão e as intervenções realizadas nos três casos clínicos, o que auxiliou tanto no processo de nomeação, quanto na tomada de autoconsciência e na elaboração do sofrimento centralizado (identitariamente) na vivência amorosa.

Desvendar os jogos e relevos da economia psíquica e do investimento pulsional em suas especificidades de gênero faz-se assim fundamental, tendo em vista que as relações de gênero (bem como de raça) são estruturantes dos processos de subjetivação em nosso país. Nesse sentido, a perspectiva epistemológica dos estudos de gênero pode promover uma afinação na escuta clínica, possibilitando não apenas identificar certas experiências e emoções, mas acolhê-las, nomeá-las e desnaturalizá-las, instaurando uma possibilidade de elaboração e transformação subjetiva.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão: o descondicionalismo da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOIGER, Michael & Mesquita, Batja. The construction of emotion in interactions, relationships, and cultures. *Emotion Review*, 4(3), 2012, pp. 221-229. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073912439765> Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232724651_The_construction_of_emotion_in_interactions_relationships_and_cultures/link/09e415090f228dd771000000/download. Acesso em: 04 nov.2020

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: Case, S.H. (Orgs.). *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*, Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990, pp. 296-314.

ECKMAN, Paul. *A linguagem das emoções*. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ESTEBAN, Mari Luz. *Critica del pensamiento amoroso. Temas contemporaneos*. Barcelona: Bellaterra, 2011.

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo – um estudo da revolução feminista*. Petrópolis: Vozes, 1976.

FREUD, Sigmund. “Sobre o Narcisismo: uma introdução”. Edição Standard Brasileira. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Original publicado em 1914).

GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicol. Estud.* [online], v. 24, e42738, 2019. DOI: <<http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722019000100239&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul.2020.

IPEA. *SIPS – Sistema de Indicadores de Percepção Social*. Tolerância social à violência contra as mulheres, 2014. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=24437&catid=120&Itemid=2> Acesso em: 06 de jul. 2020.

LAGARDE, Marcela. *Claves feministas para la negociacion en el amor*. Managua: Puntos de Encuentro, 2001.

LEAVITT, John. Meaning and feeling in the anthropology of emotions. *American Ethnologist*, 23(3), 1996, pp. 514-539. DOI: <<https://doi.org/10.1525/ae.1996.23.3.02a00040>> Disponível em: <http://www.faculty.umb.edu/gary_zabel/Courses/Spinoza/Texts/Meaning%20and%20Feeling%20in%20the%20Anthropology%20of%20Emotions.pdf>. Acesso em: 04 nov.2020

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias. Antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WINDMOLER, Nayara; ZANELLO, Valeska. Depressão em homens: uma leitura a partir das masculinidades. In ARAÚJO, J. F.; ZAGO M. M. F. (Org.). *Pluralidade masculina: contribuições para pesquisa em saúde do homem*. Curitiba: CRV, 2019. Volume 1, p. 549-568.

ZANELLO, Valeska. O amor (e a mulher): uma conversa (im)possível entre Clarice Lispector e Sartre. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), 15(3), 21-31, 2007. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300002>>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300002>>. Acesso em: 06 jul.2020.

ZANELLO, Valeska. *Saúde Mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna. Insanity and culture: an approach to the gender relations in the speeches of psychiatrized patients. *Labrys* (Edition Française. Online), 20-21, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/19544>> Acesso em: 06 jul. 2020.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27, 238-246, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>> Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922015000300238&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2020.

ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa. Saúde mental, gênero e violência estrutural. *Revista Bioética*, 20(2), 267-279, 2012. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/745>. Acesso em: 06 jul. 2020.

Recebido em maio de 2020.
Aprovado em julho de 2020.